

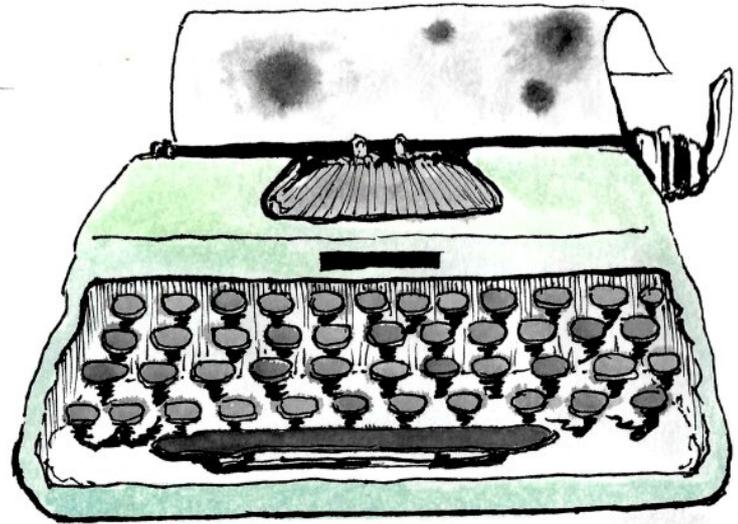


# RABISCOLOGIA #5

DIÁRIO DE UM LIVRO INEXISTENTE.



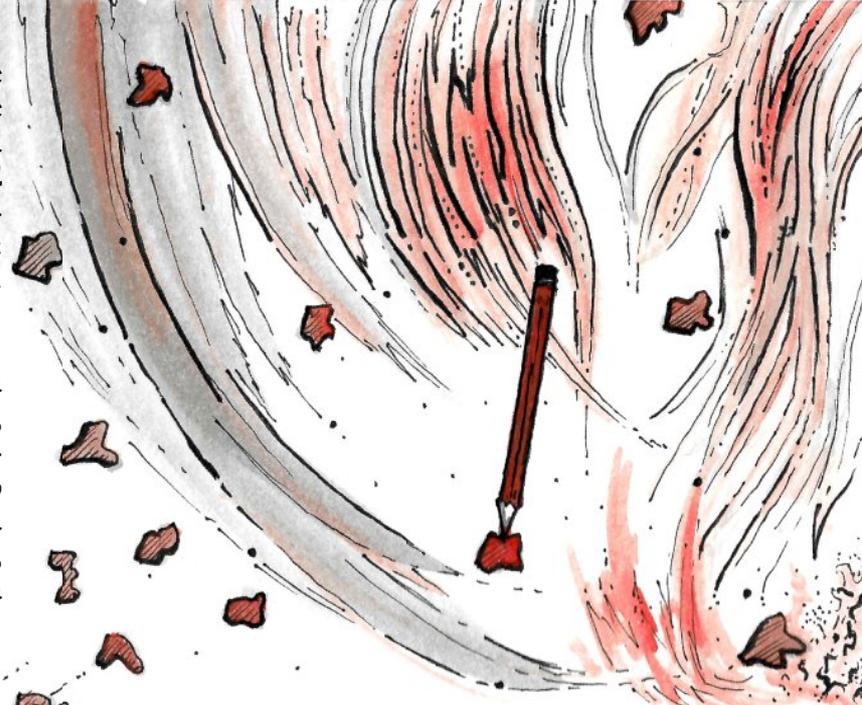
blusa de lã sentado num trem ao lado da janela tinha algo com tudo isso. Ou, ainda: não tinha, mas teria, em breve, tão logo conhecesse uma mensageira de olhos verdes que perambulava pelo meu bairro.



Espera: deixa esclarecer algumas coisas antes de começar. Eis um livro inexistente. Uma coleção de contos ou uma novela ou um romance. Algo que poderia ter sido. Enfileirar palavras e testar sonoridades. É possível começar a escrever sem saber que se está escrevendo? Uma ideia incompleta que se atira ao mundo: única chance possível de agarrar-se a algo de realidade. Única chance possível de existência.

Uma coleção de fragmentos?

Não se engane. Há algo, sem dúvida. Uma história que precisa ser contada; que implora para ser contada, com o desespero desarticulado que convém a uma história incompleta. Aqui, ela começa. Adiante, enquanto você se distrai com trabalho e prepara o almoço, ela segue, silenciosa. *Um conto sempre conta duas histórias*, escreveu Ricardo Piglia. A segunda história acompanha



subterrânea enquanto a primeira faz as vezes das mãos do mágico, que quer manter sua atenção iludida, longe do verdadeiro truque.

Ainda segundo Piglia, a segunda história costuma emergir ao final da narrativa. Mas nem sempre ela é clara. Muitas vezes, é outro mistério a ser solucionado.

Isso, enfim: o livro que não existe. Não ainda. Não agora.

Eis um registro paralelo.

Um ensaio.

## COMEÇO POSSÍVEL



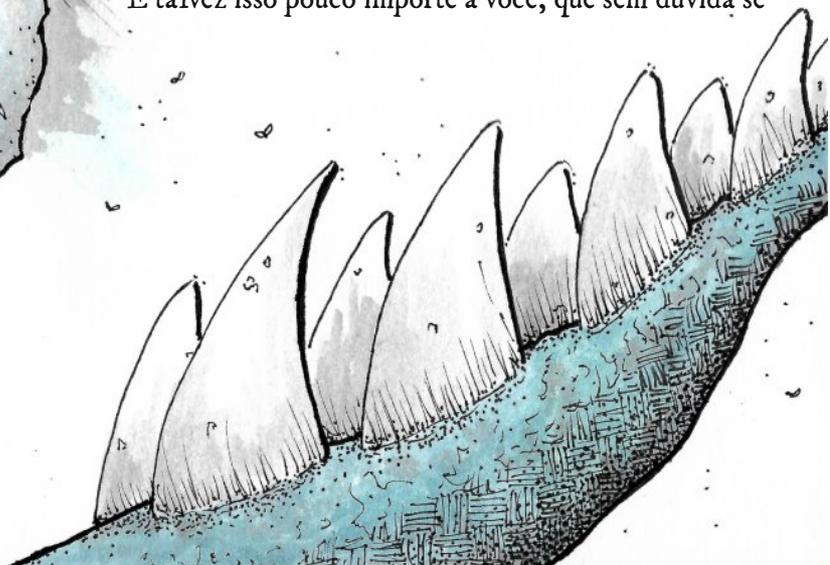
Mais um idiota havia resolvido se suicidar nos trilhos do trem, para atrapalhar os passageiros matutinos com pressa de chegar ao trabalho. Uma morte em pedaços — e penso que há uma lógica em se começar com morte o que termina em morte, ou dizer que não existe nada lógico em dar à morte a importância de um começo. O homem de blusa de lã sentado com a cabeça encostada na janela olhava fixo as horas no relógio de pulso e parecia espantado com o que via, como se os

ponteiros girassem em sentido anti-horário ou como se houvessem parado de girar.

O tempo suspenso: uma folha que paira no ar presa a um fio de teia de aranha e dá aos mais distraídos um momento mágico sob uma árvore transformada em condomínio de aranhas.

O homem de blusa de lã se chamava Roni. Ganhara a blusa de sua mãe no natal anterior. Sua mãe sempre lhe dava roupas de inverno de presente, e por isso seu armário tinha um grande volume, enquanto lhe faltavam bermudas para os dias mais quentes. Era solteiro e não tinha o hábito de comprar roupas, principalmente porque vivia bem com o que ganhava da mãe e das duas irmãs.

E talvez isso pouco importe a você, que sem dúvida se

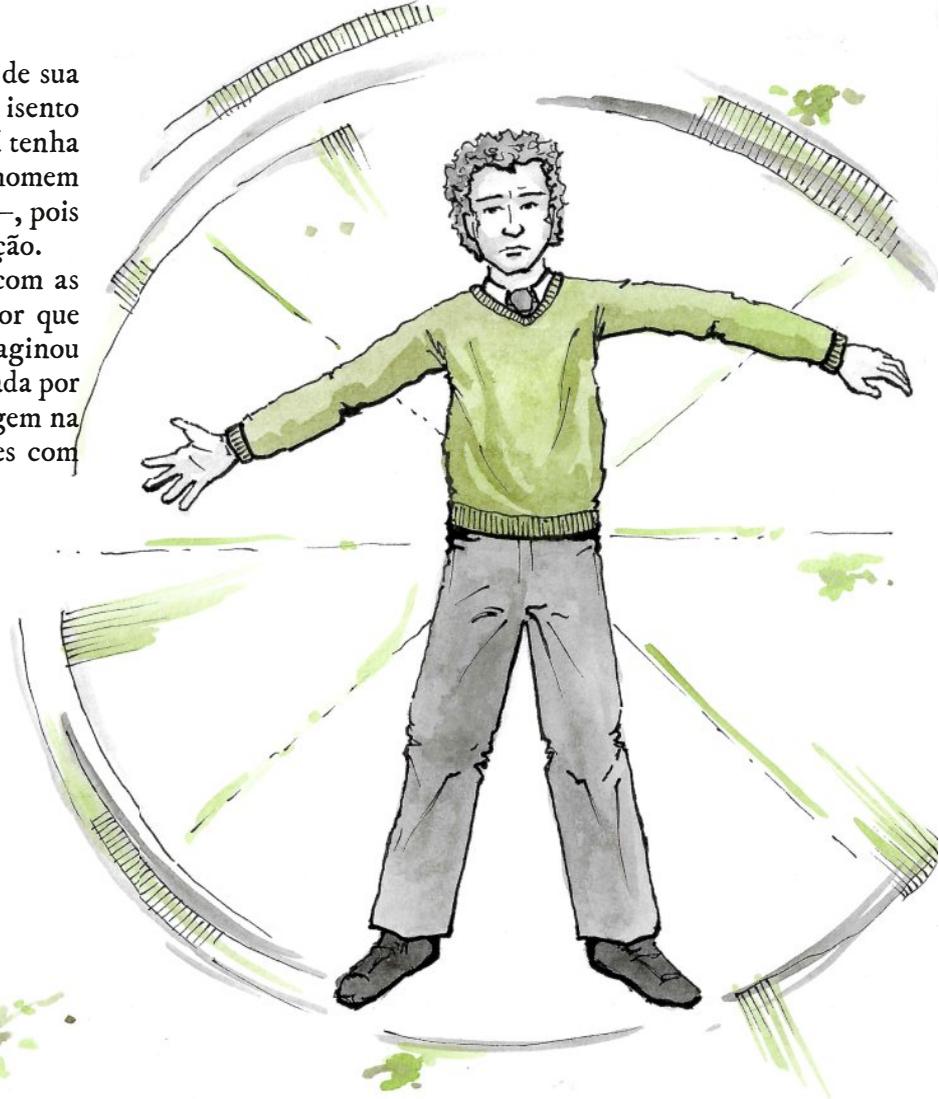




interessa mais por histórias de dragões e piratas e viagens no tempo; mas Roni — esse típico espécime masculino de uma classe média ascendente, colecionadora de copos de requeijão do tempo em que ainda eram de vidro e aborrecida com todas as formas de funcionalismo público exceto aquelas às quais presta concurso para garantir o futuro e a aposentadoria; Roni

muito seguro de seu bom mocismo e orgulhoso de sua capacidade de entregar em dia as declarações de isento do imposto de renda; Roni a quem você talvez já tenha criado certa antipatia porque pelo amor de deus homem que não é capaz de comprar as próprias roupas —, pois esse Roni ainda não sabia de sua inevitável condição.

Não sabia, e portanto estava mais ocupado com as horas que pareciam anuladas, e pensava em por que alguém se mataria logo tão cedo no dia. Não imaginou em nenhum momento que sua vida logo seria tomada por piratas e dragões e essas coisas estranhas que surgem na cabeça de escritores imaginativos e descontentes com nossa realidade em que imperam as leis da física.



## INTERLÚDIO



Era um daqueles momentos em que a luz parva da razão escurecia o brilhantismo.



Ou dizer: o iluminismo, talvez? O tão criticado esclarecimento, que a Adorno parecia uma desculpa ruim. A razão que muito sensata atropela a beleza, a possibilidade, o impossível.

Ou:

*A porta do carro não abria, e ele saía pela janela toda vez.*

Imagem.

Um carro da década de 1990 mal estacionado sobre o meio-fio numa avenida movimentada, perigosamente próximo a um ponto de ônibus. A janela aberta, soltar o cinto de segurança. Torcer o corpo e impulsionar-se para fora com as mãos espalmadas no teto do carro, até que seja possível estar sentado na janela. O movimento coordenado pelo hábito, quase gracioso em sua calculada deselegância.

Ou, TALVEZ —  
TALVEZ SEJA O CASO DE COMEÇAR A  
HISTÓRIA POR AQUI:

— Você não vai se lembrar de mim, mas me pediu pra avisar que vai morrer amanhã, às quatro da tarde.



A moça tinha olhos verdes e uma pele muito branca. O sol da primavera ardia como uma ferida nova, e a insensatez do aviso pareceu abrandada pelo sorriso da moça que olhava o escritor. O escritor fez que ia perguntar algo — não era todo dia que notícia assim lhe era dada enquanto caminhava com seu poodle Farofa após o almoço. Em outro dia um bêbado lhe havia anunciado o fim do mundo para antes do pôr do sol, o que certamente havia sido um engano: o mundo não acabou e à noite o noticiário noticiou a posse do presidente Hjelsok Coturnk no país vizinho.

A lógica dos bêbados não se questiona, mas a mulher de olhos verdes pareceu bastante sóbria; tão sóbria que logo seguiu caminho com uma expressão envergonhada. Precisava voltar ao trabalho e havia acabado seu horário de almoço.

O escritor olharia o cachorro Farofa, que se ocupava de um poste, e pensaria que talvez conhecesse a moça de olhos verdes. Conhecia? Uma sensação terrível de desgraça inevitável o fez correr na direção da mensageira.



**RABISCOLOGIA**  
EDIÇÃO #5  
MARÇO DE 2018

EDIÇÃO, RABISCOS, TEXTOS E LÓGICAS  
DISTRORCIDAS POR OLIVIA MAIA.

OLIVIAMAIA.NET  
OLIVIA@OLIVIAMAIA.NET

[HTTP://APOIA.SE/RABISCOLOGIA](http://APOIA.SE/RABISCOLOGIA)